



O Turista e o Residente na Cidade do Sol: Um Ensaio Sobre a Compreensão Desses Dois Grupos Acerca da Imagem de Natal – Rio Grande do Norte.¹

Michel Jairo Vieira da Silva²

Salete Gonçalves³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Ensaio sobre a problemática em torno da imagem que a cidade de Natal - RN possui aos olhos dos seus turistas e residentes, buscando compreender as semelhanças e disparidades dessas concepções e seus “porquês”, e assim certificar-se da existência de duas cidades que se movimentam no mesmo espaço. Dentro do estudo, os primeiros (visitantes) são representados pelos traslados e passeios comumente praticados durante a estada no destino turístico Natal, e os segundos (residentes) apreciados através de curtas-metragens produzidos e enredados na cidade e exibidos durante um festival de vídeo local.

PALAVRAS-CHAVE: turismo; cinema; sociedade.

O turismo é atividade tipicamente sintomática da globalização, da condição pós-moderna das últimas décadas, onde, segundo AUGÉ (1994, p. 74) estamos condenados ou “prometidos à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero”. E tais características, sinônimos da fugacidade das relações humanas, podem ser experimentadas também numa viagem de turismo, em que inúmeros são os destinos - espaços criados, e a serem recriados para atender aos mais diversos tipos de turismo e turista.

Uma propriedade comum a esses “lugares” está na sua incapacidade de ser denominado como tal. Já que um local que “não se pode definir como identitário, nem como relacional, nem como histórico” (IDEM, IBDEM) não seria um lugar, e sim: NÃO-LUGAR. Ou seja, a negação de sua condição de cenário de relações sociais em contínuo processo, de um de um conjunto de aspectos que representam a causa-resultado, as heranças e tramas da interação entre o homem e o espaço em que habita.

¹ Trabalho apresentado no GT – Audiovisual, do Iniciacom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Estudante de Graduação 1º. semestre do Curso de Radialismo da UFRN, email: micheljvs@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Turismo da UFRN, email: saleteg@yahoo.com



Essa concepção de não-lugar aplicado ao fenômeno turístico caracteriza-se pela forma como ocorre a “turistificação” (apropriação do turismo) deste espaço. E a paisagem, recorte desse ambiente a ser vendido, é o componente fundamental, enquanto atração para os possíveis visitantes. Com apelo por sucesso, e na criação desta “mercadoria de uso temporário”, são cada vez mais freqüentes as iniciativas de criação de paisagens com tradições inventadas, simbolismo duvidoso, e destituídas de identidade com o lugar onde são construídas.

As paisagens artificiais criadas pelo turismo destoam seus entornos, tanto no que se refere às características naturais e construídas desses entornos. A natureza e cultura recriadas por essas paisagens são frutos de intervenções planejadas (...) não são produtos da história natural e social, são produtos do turismo (CRUZ, 2001, p. 112).

Esses não-lugares são geralmente resultado de capital estrangeiro, unidos à iniciativas governamentais que acabam por elaborar um circuito turístico pouco, quando não, relacionado ao desígnio local. Recria-se, de certa maneira, o que os registros fotográficos de “progresso” do Brasil no início do séc. XX mostravam: um país de elites, deslumbrantes paisagens, prodígios arquitetônicos, belas jovens abastadas, em contraponto ao esquecimento da maioria local pouco “relevante” instalada até hoje em seus cortiços. (ESSUS, 1997)

A história pode estar se repetindo, e com isso a representação do povo, e até eles mesmos, podem estar sendo condenados a limitar-se à periferia também do reconhecimento e fadados, em diversos casos, à segregação promovida pelos efeitos negativos do êxodo turístico, de certo invasor e excludente. Para atender a uma exigência dos empreendimentos turísticos, muitas cidades brasileiras se firmam séries repetitivas que podem dar a impressão de que está tudo ficando com a mesma imagem, ou com símbolos, representações esdrúxulas de si e de seu povo, que em muitos casos não participam do processo desenvolvimentista e participativo pregado pelo turismo.

Os idealizadores do destino “só agora atraente”, com a identidade local fragmentada, ou inserção de novas culturas, moldam o dia-a-dia do turista, promovendo um *tour* maquiado, distanciando-o do nativo (KRIPPENDORF, 1984), realizado numa espécie de bolha, um simulacro.

Simular: fazer de conta, fingir, aparentar. Verbo do qual se deriva o conceito de simulacro, fundamental à análise de certas características de nossa modernidade tardia (...) o simulacro, pois, é colocado no lugar da própria coisa, repousando sua aparente vantagem, no fato de possuir mais atrativo do que ela. (DUARTE JR., 2001, p. 112)



O uso do simulacro no turismo, segundo os seus executores, está no “entendimento” de que este é necessário por causa da brevidade das viagens e da complexidade das relações sócio-culturais existentes no destino. Quando não, pela idéia de que os signos da identidade alheia são mais vendáveis.

À medida que a cultura global sobrepõe à local, os símbolos da construção sócio-espacial da comunidade, preocupantemente, podem se perder na especulação dos equipamentos e novos costumes. Como já mencionado, o objetivo é tornar mais convidativo aos olhos do turista. Entretanto, em muitos casos, o máximo que se consegue é reproduzir algo sem atribuir-lhe o sentido que o mesmo merece, restando ao turista o imaginário de uma cidade pirata, genérica, falsificada.

Pela própria concepção de turismo (escolhas pessoais, sem obrigatoriedades), não se pode obrigar o visitante a uma socialização com o destino visitado, mas deixá-lo livre para optar entre o que é verdadeiro e o que é falso, torna a atividade digna. Autores como BANDUCCI e BARRETO (2001) acrescentam que essa liberdade é fundamental, apesar de comungarem da idéia de que exista uma classe de turista que se acomoda conscientemente na prática da identidade encenada.

Em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, a liberdade pela escolha entre o simulacro e o real, geralmente não acontece, sendo mais prático, tanto para empresários como para governantes investir no primeiro, do que ordenar em todos os aspectos o espaço, encobrendo seu legado, suas tramas, seu povo.

Não se quer aqui descolorir os evidentes pontos positivos da atividade turística em inúmeras localidades. Todavia, muitos estudos descrevem a privatização de áreas públicas, sendo a população residente timidamente valorizada e pouco beneficiada pelos louros oriundos do fenômeno turístico, que acaba permitindo a coexistência de duas cidades dessemelhantes em um mesmo espaço. Como em seu romance alerta CALVINO (1972, p. 30): “evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo e com mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si.”

A Grande Natal litorânea (Natal, Parnamirim e Extremoz) é a região que hoje compreende o circuito turístico mais visitado do Rio Grande do Norte. E apesar de estar em uma posição de destaque no *ranking* dos destinos mais visitados do Brasil, o turismo na cidade é bastante recente. A alavancada desse fenômeno ocorreu nas últimas décadas, tendo como marco inicial a construção da Via Costeira. Essa apropriação do



turismo pela cidade – ou seria da cidade pelo turismo? - promoveu grandes mudanças no cotidiano, na imagem de Natal.

A imagem da cidade, tanto para quem visita como para quem nela vive certamente é bem diferente da que se tinha há apenas dez anos atrás. E parte dessa transformação deve-se ao turismo, hoje área com papel importante na economia local, e que apresenta forte influência na produção e especulação imobiliária e crescimento populacional (FONSECA, 2005).

Deve-se atentar de que um exemplo dessas mudanças está em varias esferas da sociedade. Existem mais “sulistas” e estrangeiros entre os potiguares. Os *fantasy-names* dos estabelecimentos, seus *menus*, os ritmos musicais das *night clubs*, e os dromedários do *Sahara* de Jenipabu, não foram *made in Brazil*, e podem, mesmo acreditando que a formação da identidade é continua e mutante, estar causando um “colapso” (BARBOSA, 2001) e fragmentação dos códigos socioculturais de Natal, principalmente quando observados por quem visita a cidade.

Para fomentar o estudo acerca disso, faz relevante comparar o que o turista identifica como Natal, com a opinião do principal sujeito da cidade, o autóctone, tendo em vista que a relação identitária deste último, obviamente, é mais completa sobre o lugar. Pensa-se que ela serviria de atestado do grau de veracidade da imagem de Natal para os turistas que a visitam.

Essa abordagem da comunidade local se dará através do recurso fílmico (oito curtas-metragens) produzido e enredado na capital do RN, que revela a personalidade local através dos seus discursos e habitantes. Com a verticalização dessas duas compreensões pode-se deslumbrar as semelhanças e diferenças na idéia feita pelo turista e pelo residente sobre a “Cidade do Sol”.

Nessa tentativa de confrontar essas interpretações sobre a capital Potiguar, aliando-se ao discurso do residente comunga-se inicialmente da idéia de BRESCIANI (1997) que ratifica a definição de cidade como resultado da arte humana, representando a capacidade criadora do homem, sua ação e reação, moldando uma imagem particular do meio ambiente, sendo assim a cidade seria a produção de símbolos ricos em interpretação da vida. O espaço como possuidor de uma identidade que faz com que os seus transeuntes o reconheçam, e através disso se reconheçam nele.

Esse reconhecimento pode-se chamar de identidade “fonte de significado – experiência de um povo” CASTELLS (1995, p. 22), povo esse que, ao atribuir e fundar representações desses significados constrói sua identidade alicerçada em aspectos de



resistência e formação histórica, adaptação geográfica, formas de produção, além do imaginário coletivo que continuamente, através dos seus atores (habitantes) “reorganizam seus significados em função de tendências e sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço”. (IDEM, IBDEM).

O que se quer para este ensaio sobre a visão dos turistas e residentes sobre um mesmo lugar - visão por onde circula preconceitos, valores, e experiências *in loco*, muitas vezes distintas, é a vislumbrar uma possível dessemelhança proposital, ocorrida numa problemática de diferença de classes sociais, divergências culturais e outros aspectos, entre visitante e habitante.

UM DEUS NA CIDADE DO SOL

O turista e seu olhar desconhecem freqüentemente os processos históricos e o contexto cultural, social e político de onde visita (URRY, 1996). Assim, é possível questionar que imagem, através desse olhar, a cidade, neste caso Natal, pode assumir. Sendo a identidade local observada pelo turista contrastada, por vezes, com a primada pelos residentes. E com esse despreparo para o reconhecimento da verdade do lugar, a percepção do visitante sobre Natal está “domesticada” pelo fenômeno turístico, e gerando uma experiência daltônica sob a localidade, nesse ângulo, possivelmente não-autêntica. CARLOS (1996, p. 28) sugere como definição a esta manipulação do que se deve mostrar, ou omitir numa experiência turística, o resultado da “produção do não-lugar turístico”, voltado para a utilização do simulado, do ilusório, presenteando os seus visitantes com uma vivência espetacular, porém irreal.

Natal enquanto não-lugar, definição estabelecida no início do ensaio, agora toma uma “verdade” pela ótica do turista, e isso se torna evidente por diversas obras estruturais e movimentações ocorridas nos últimos anos. Um dos aspectos mais relevantes são o bairro e praia de Ponta Negra (principal cartão postal da cidade), que podem ser denominados como uma “ilha turística”, que vê a margem de sua estrutura com calçadão iluminado, shoppings, belos hotéis e restaurantes, rodovias pavimentadas e bem sinalizadas, acrescidos de segurança e limpeza, uma cidade diferente e desconhecida dos turistas, que permanecem na “ilha” de Ponta Negra por quase todo o período que estão instalados em Natal.

Ainda sobre a praia de Ponta Negra, a mobilidade que a orienta convida o turista a permanecer na mesma, principalmente o turista internacional, que não recebe



orientação adequada para se “aventurar” a conhecer o outro lado da cidade, onde estão realmente os nativos, com suas ruas, e seus costumes. O povo da cidade é representado na vivência do turista apenas por profissionais do lazer, pertencentes ao *trade* turístico.

E em meio a essa “desorientação”, os estabelecimentos (muitos deles pertencentes a estrangeiros) acabam também por dar a área de Ponta Negra uma áurea também estrangeira, com hotéis, pousadas, restaurantes, bares e lojas de artesanato com características internacionalizadas, seja através de cardápios e nomes fantasias em inglês ou italiano, seja pela própria oferta de produtos e serviços como: hospedagem em castelo medieval, comidas italianas, francesas, mexicanas, e festas a base de ritmos como: música caribenha, eletrônica, rock internacional, entre outros.

Um outro aspecto que revela segregação está na localização da estonteante Via Costeira (recrutada de um lado pela reserva florestal Parque das Dunas e por outro pelos arrecifes banhados pelo mar), que coloca em posição de isolamento os turistas que se hospedam nos maiores e mais luxuosos hotéis da capital potiguar - meios de hospedagem que se encontram a margem dessa estrada.

Projetada a mais de 30 anos, a Via Costeira nunca serviu diretamente como via de trânsito, quando no máximo de escoamento da população local. Sendo uma construção eminentemente turística, a estrada é apenas uma forma de acesso aos meios de hospedagem, e a praia – praia essa visitada apenas por turistas, tendo em vista a dificuldade de acesso livre à beira mar – quando não pelos hotéis.

A presença de residentes na área é dificultada também pela ausência de estabelecimentos de lazer (bares e restaurantes) na orla, além do insipiente serviço de transporte público que circula pela via - microônibus que transitam esporadicamente pela estrada além de poucos pontos de ônibus. Ou seja, freqüentar uma das mais belas paisagens (mata atlântica preservada e oceano atlântico) da capital do RN é privilégio de uma minoria (visitante), situação que novamente evidencia uma outra cidade – uma Natal do turismo.

Para superficialmente concluir essa análise dos caminhos percorridos fazer o visitante criar seu imaginário sobre a cidade em análise, são os próprios traslado (Aeroporto Internacional Augusto Severo – Hotéis de Ponta Negra) e passeios (seus itinerários) e atrações oferecidas pelos hotéis e agências de receptivo, e promovidos pelo poder público, através de publicidade e obras de incentivo (Ponte Newton Navarro).



Os locais por onde o turista circula em todo o momento é manipulado para, de certo, maquiagem as realidades estruturais e humanas da cidade - favelização de algumas áreas, pedintes nos sinais de trânsito, má qualidade das estradas, etc. Os passeios não priorizam qualquer contato com a sociedade local de maneira espontânea. Os turistas são convidados a visitar apenas o litoral do estado, deixando de conhecer os principais atores e cenários (cidade) do destino turístico que escolheram para suas férias.

Os dromedários que transitam sobre as dunas da praia de Jenipabu (localizada na grande Natal – município de Extremoz) enquanto atração podem ser considerados um exemplo nítido de uma faceta do turismo anteriormente fundamentada, que é o simulacro turístico, e nesse caso, livremente vinculado pela mídia especializada e bastante valorizada pelo turista, que não cansa de ouvir: - *O deserto é aqui! Mas que deserto? Que árabes são esses? De onde saíram aqueles animais?* Esses questionamentos sem resposta revelam a desvalorização da cultura local em detrimento de uma simulação sofrível que ganha mais destaque do que a culinária, artesanato, folclore norte-riograndense.

Em suma, ao voltar para sua terra de origem, esses visitantes terão fotos e lembranças de um “pseudo-lugar”, uma pseudo-Natal bastante organizada, segura, limpa, e com a estranha sensação de terem passado por uma cidade com uma população pouco autêntica, representada por hábitos poucos representativos de uma capital litorânea do nordeste que honestamente possui formação histórica, cultural e social particular. E é essa particularidade que será apreciada a seguir.

UM DIABO NA CIDADE DO SOL

“Ele acreditava, e eu concordo com ele, que o olho da câmera é mais perspicaz e mais apurado que o olho humano”.
(VERTOV, apud LABAKI, 2004)

No que se refere à percepção do autóctone, pensa-se na sua apreciação como representação da verdade do lugar – uma cidade do Natal convincente, visto que é a literal voz do seu povo. E para isso se utilizará dos discursos enredados nas películas potiguaras, elas que possibilitam uma “viagem” (EINSESTEIN apud CARRIERE, 1994) – um olhar para dentro de si, com aprofundamento e minúcia das diversas realidades, observando bem de perto o que talvez outras expressões, ou até mesmo abordagem direta do morador, não possam mostrar.



Além de ser demonstração de pertencimento à cidade, de quem a produziu, o recurso fílmico corresponde à representação da realidade e busca oferecer uma leitura plausível dos fatos. Assim usar o cinema como objeto de estudo para a compreensão da cidade, isto é, do processo social que dá significado as imagens, sons e signos (TURNER, 1997) da mesma, torna o recurso relevante para o que se almeja – o olhar do residente sobre Natal – RN.

Diversos filmes recentes produzidos na localidade não são apenas obras de projeção da cultura cinematográfica de Natal. Mas forma rica de exibição da sua identidade, sendo uma construção midiática do povo e do espaço. Esse instrumento pode fornecer uma firme base a respeito dos significados que o lugar possui, expressa e evoca. Essa condição reveladora do cinema, tanto elevada por Edgar Morin (1956) e seu **cinema-verdade**, dará credibilidade à imagem da cidade de Natal no olhar do residente.

Endossar a idéia de cinema como versão da realidade implica assumir a decifração do real pelo imaginário, ou seja, pelas suas significações. A comparação entre essas impressões pode vir a revelar de maneira dicotômica uma cidade fictícia para o turista e uma realidade cinematográfica para os realizadores de um filme, cujo principal obstáculo é ultrapassar a capacidade que o turismo e o cinema têm de ocultar, ou ressaltar o que considera relevante e conveniente.

Dentre os filmes, objetos desse estudo, que fundamentam a idéia de uma Natal bastante diferente da vislumbrada pelos que vão à cidade de Natal associados à indústria turística, pode-se elencar:

- **Cidade Mídia** (Documentário de Anastácia Vaz, Carlos Nathan, Catarina Doolan, Priscila Adélia, Túlio Dantas e Vitor de Azevedo);
- **Espetaculares Kengas** (Documentário de Diogo Moreno, Elisa Paiva e Lenice Goulart);
- **Marrom** (Ficção de Emanuel Grilo);
- **Nós Vale** (Ficção de Asclé Campos);
- **Rua Chile** (Documentário de Carlos Tourinho);
- **Um Beco no Meu Caminho – Um Poema Processo** (Documentário de Carlos Tourinho);
- **Vendedores de Esperança** (Documentário de Hélcio Torreão e Edileusa Martins).

Analisando o enredo desses filmes produzidos no ano de 2006, o que se quer é verificar se a cidade que a população local almeja não esteja sendo vivenciada apenas



pelos turistas que a visitam. Não sendo Natal um cenário ímpar das práticas de lazer do visitante, mas como retrato das conquistas sociais, ambientais e culturais de quem no destino turístico vive e desses benefícios se apropria. Mas adianta-se a conclusão de que definitivamente a visão desses dois grupos (turista e residente) é um tanto oposta.

O curta-metragem de 8 minutos **Cidade Mídia**, ao levantar questões acerca da relação da sociedade com a própria mídia, discute também a problemática em torno de uma situação bastante comum a grandes centros urbanos brasileiros, as pichações de fachadas de prédios públicos e privados das cidades. Esse movimento de pichadores em Natal vem cada vez mais sujando a imagem de prédios, ruas e praças. Suas pichações têm, na maioria das vezes, intenções de torcidas organizadas dos principais times de futebol do estado, torcidas essas que estão tornado-se verdadeiros grupos criminosos, que promovem não apenas pichações, mas atividades de pancadarias e pontuais homicídios a torcedores adversários.

Adentrado numa festividade popular, organizado por uma minoria bastante discriminada da sociedade local, o filme **Espetaculares Kengas**, mostra as situações que giram em torno do Baile das Kengas, festa GLS e gratuita que ocorre nas ruas do centro da cidade durante o carnaval. Ao mostrar o dia-a-dia, pensamentos e irreverência das principais *drags* e travestis de Natal, a película apresenta uma manifestação cultural que consegue trazer uma multidão para as ruas históricas da cidade e revelar um momento ímpar de alegria, igualdade e respeito a esse grupo que durante todo o ano se vê vítima de atos discriminatórios, como é o caso da onda de assassinatos a homossexuais na capital potiguar nos último ano.

A ficção de apenas 4 minutos **Marrom**, denominada pelo seu próprio diretor (Emanuel Grilo) como um conto *pornô-trash*, vai contar um episódio ocorrido na vida de um bêbado, que entorpecido pelo seu vício, delira em meio às lembranças do dia em que conheceu uma bela mulher chamada Carol. Passando-se num universo boêmio e decadente dos antigos botequins e casas de prostituição da cidade, o curta-metragem mostra a realidade do submundo de Natal, pouco conhecido até mesmo por grande parte da população local.

Classificado no gênero de comédia, a ficção **Nós Vale**, vai exibir durante 30 minutos uma verdadeira odisséia bem-humorada. Uma estudante de colégio público ao perder seu vale-transporte no ponto de ônibus quando estava prestes a voltar para casa, segue à procura por toda a cidade do seu “insubstituível” VALE. Em sua andança pelas principais vias de Natal, a protagonista vai desenhando os espaços (centro e periferia



pobre), o sistema de transporte, hábitos e pessoas típicas (estudantes, evangélicos, domésticas, sacoleiros) de Natal. O roteiro conta também com depoimentos de diversas pessoas falando da importância que o vale-transporte tem na rotina da cidade.

A **Rua Chile**, localizada no antigo bairro da Ribeira e nas proximidades da região portuária de Natal, é o cenário e tema do documentário que leva o mesmo nome e vai exibir a história dessa rua que já foi o grande centro comercial da cidade, como também da recepção e exportação de mercadorias que circulavam pelo estado do RN. Apesar de apresentar arquitetura de potencialidade histórica e turística, resquícios do seu período de glória, a rua está num estado de abandono claro, sendo palco de uma vida noturna insipiente e depósito frigorífico da indústria da pesca local.

Um outro documentário produzido por Carlos Tourinho, chamado **Um beco no meu caminho – Um poema-processo** apresenta ao espectador a vida que movimenta o “Beco da Lama”, local há muitos anos conhecido como ponto de encontro dos intelectuais de Natal (poetas, jornalistas, escritores, professores, etc.), além dos também frequentadores menos abastados (bêbados, loucos e pedintes), que completa a mistura da efervescência desse beco que é sempre palco não apenas de diversão e arte, mas também de discussão acerca de temas que envolvem a sociedade local.

Para finalizar têm-se talvez o único recurso fílmico que discuta sobre um tema de conhecimento tanto do turista, como do residente. O documentário **Vendedores de Esperança** é um curta que denuncia as condições de vida dos idosos carentes da cidade, que se vêem obrigados a trabalhar informalmente, sob condições desumanas nas areias das praias turísticas de Natal (praia de Ponta Negra, dos Artistas, do Meio e Redinha). Os mesmos, com faixa etária superior a 65 anos, com dificuldades de locomoção e segurança e expostos ao sol por todo o dia, se dedicam à venda de gêneros alimentícios e produtos artesanais. Essa realidade, por motivos óbvios, chega até o conhecimento do turista que nesse momento consegue conhecer e compreender um pouco da verdade que de certo ultrapassou o muro de isolamento que separa os dos residentes.

DEUS E DIABO FRENTE A FRENTE

Segundo MAFFESOLI (1999), a cidade seria um universo de relações, repleto de emoções e sensibilidade, havendo espaços com significação subjetiva e diversa para os grupos que nela se interagem. Apoiado nisso, tal ensaio procurou investigar essa compreensão de cidade através de dois grupos distintos – o visitante e o residente, na



cidade de Natal-RN. E através da observação dessa vivência - desse universo de relações - seja pelo circuito turístico vivido por quem visita a cidade, seja pelo discurso fílmico que enreda tramas da cidade, o que se evidenciou foi, de fato, cidades díspares que co-existem em um mesmo território.

Natal vendida para o turismo é um produto que não representa a cidade reconhecida pelos que nela vivem. A manipulação do olhar do turista para os aspectos que o *trade* turístico considera relevante, e na mesma corrente na maquiagem das irregularidades que a cidade possui, ocorre o afastamento do turista da realidade local e levanta um questionamento acerca da sua função enquanto valorizador da cultura e provedor da qualidade de vida local, parte de um discurso tão utilizado pelos políticos e empresários para a implementação da atividade turística em grande parte dos destinos com potencial para a atividade.

Certamente um turista que vai ao destino Natal, voltará para sua terra de origem sem conhecer o centro da cidade e suas nuances, os problemas sócias que afligem os moradores, a cultura e hábitos locais que colorem e dão a mobilidade e verdade não menos bela a cidade, que pôde ser apreciada enquanto discurso da realidade nesses vídeos que são uma representação clara de uma viagem da cidade de Natal – Rio Grande do Norte para dentro de si.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não Lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Lúcia Pereira. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1994 (Coleção Travessia do século).

BANDUCCI JR., Álvaro. BARRETO, Margarida. **Turismo e Identidade Local:** uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001 (Coleção Turismo).

BARBOSA, Icarim Melgaço. **O Despertar do Turismo:** um olhar crítico sobre os não lugares. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2001 (Coleção Turismo).

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade, Cidadania e Imaginário.** IN: SOUZA, Célia F. de, PESAVENTO, Sandra J. (Org.) **Imagens Urbanas:** os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. Universitária/ UFRGS, 1997

CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis.** Tradução: Diogo Mainardi/ São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana F. A.; CRUZ, Rita de C. A. Yázigi, Eduardo. **Turismo:** espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Hucitec, 1996.



CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Fronteira Nova, 1994.

CASTELLS, Miguel. **O Poder da Identidade**: volume II. Tradução: Klauss Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2001 (Coleção Turismo Contexto).

DUARTE JR., João F.. **O Sentido dos Sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições, 2001.

ESSUS, Ana M. M. de S. Andrade. **O Espelho do Poder**: fotografia, sociabilidade urbana e representação simbólica do poder político no Rio de Janeiro da *belle époque*. IN: SOUZA, Célia F. de, PESAVENTO, Sandra J. (Org.) **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 1997.

FONSECA, Maria Aparecida Pontes da. **Espaços, Políticas de Turismo e Competitividade**. Natal: EDUFRN, 2005.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 1984.

LABAKI, Amir. Adeus a Jean Rouch. **Revista è tudo Verdade**, São Paulo, 2004. Trabalho apresentado no 13º Festival Internacional de Documentários, São Paulo, 2008.

MAFFESOLI, M. **No Fundo das Aparências**. Tradução: Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1999.

MORIN, Edgar. **O cinema e o homem imaginário**. Lisboa: Relógio d'água, 1956.

TURNER, Graemi. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

URRY, John. **O Olhar do Turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel, Sesc, 2001.